

por *Leandro Assis Santos*

A *Ekstasis: revista de Hermenêutica e Fenomenologia* recoloca em discussão as estritas relações entre filosofia e arte. A presente edição é pretensiosa, por si só *desmedida*, imbuída de certa sanha, de alguma *hybris*. *Arte, Verdade e Filosofia* são âmbitos há muito atados uns aos outros. No entanto, não são atrelados de qualquer maneira, mas, por vínculos consanguíneos, sem os quais toda a *vida*, seja de qual for dos três “elementos” que juntos perfazem o mote dessa edição, definha sem brilho e/ou intensidade. Filosofia que se procure fundamentar sem remontar à antiga problematização acerca da verdade, tema tão velho quanto o mundo, é *claudicante* – como era o antigo deus Hermes, “o mais antigo dos homens dentre todos os divinos”, como escreve W. Otto que, embora coxo, levava *verdades* de um lugar a outro, porém, como todo mensageiro, *intérprete*, passava ou comunicava algo que ele interpretava. Uma revista de hermenêutica, ao cumprimentar seu patrono não esquece quem o concebeu! E com suas oblíquas verdades, Hermes tornou-se também protetor, não à toa e entre tantos, dos *mentirosos*. Por assim dizer, torta não era apenas sua perna, como também tortuoso seu olhar repleto de embaraço.

Agraciada pela divindade claudicante, por isso mesmo não sem destreza, a *Ekstasis* também traz à baila a questão da *arte*, não apenas como teoria estética, do belo, mas, como horizonte de *afetos*. Já dizia Álvaro de Campos: “*Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir!*”. E é essa viagem que a presente edição nos propõe. Não somente como revista teórica e acadêmica, cujo aprofundamento esta edição adquiriu com imensidão, mas, sobretudo como *impulso* mobilizador de inquietações, angústias e desejos (por isso, *afetos*), quer daqueles que aqui produziram/publicaram, quer daqueles que aqui gozarão e esclarecerão parte dos próprios desassossegos.

Nesta edição da *Ekstasis* conseguiu-se realizar a difícil tarefa de reunir alguns textos de vasta abordagem e, porque não, que nutrem nossa imaginação com grandeza. O texto de Vanessa Neubauer, por exemplo, com uma clareza solar, apolínea, procura elucidar questões relativas à estética, tal como a compreende H.-G. Gadamer, examinando a complexa inter-relação existente

entre música, artes visuais e educação (para não falar ainda da História) onde o intento é esclarecer a apreensão dos fenômenos sensitivos e estéticos. Já a professora Luciana da Costa Dias discute a questão da arte vinculando-a ao difícil problema heideggeriano da “história do ser”, trazendo à tona a famosa viragem (na perspectiva do pensamento) do mencionado filósofo alemão com o objetivo de tecer um vínculo ao acabamento da metafísica como niilismo. O artigo de Irlim Corrêa Lima Júnior, de uma solidez ímpar e de amplo poder de instigar nossa curiosidade, analisa o fenômeno da arte a partir das meditações de I. Kant associando à simultaneidade do fragmentário e do indizível. Pressupõe o compartilhamento dos gostos e significados, concluindo que a arte agrega-se a criação e a liberdade. A densidade da discussão, bem como a temática em si já instiga a curiosidade e excita nossa inteligência à luta braço a braço, corpo a corpo com os conceitos que são descritos. Não com menos fôlego e concentração, o texto de Felipe Shimabukuro procura examinar uma questão crucial das reflexões de M. Heidegger, qual seja, a relação entre arte, verdade e filosofia, tema dessa edição, pontuando acerca da análise do filósofo em questão sobre a verdade predicativa e a verdade como desvelamento (*alétheia*). Procura relacionar as duas noções a partir da desconstrução, noção que aqui é entendida com um sentido bem específico. O escrito da professora Ligia Saramago elabora uma interpretação belíssima e vivaz do termo “paisagem”. Tecendo explicações especialmente a partir das artes visuais, chega à questão da inseparabilidade entre paisagem e representação; texto de grande envergadura para leitores incomuns. O artigo da Professora Alice Mara Serra, por fim, parte da fenomenologia e da desconstrução para pensar a noção e experiência de “imagem”, passando por Husserl, Fiktum e Derrida. O esplêndido e concentrado artigo aponta para uma instigante investigação da imagem em variados vieses de manifestação, como o sonho e a pintura.

A primeira tradução que compõe essa edição, por fim, realizada por Valentín Arechaga do texto do professor Juhani Pallasmaa é interessantíssima. O autor começa expondo o que lhe inquieta; não é outra coisa que também deixava em claro o poeta (e filósofo nas horas vagas) Gaston Bachelard, que não se sabe se mago ou cientista, pensava em sua obra “noturna” – como escreve Pallasmaa sobre sua própria concepção – que “a arte está fundamentalmente comprometida com a união e a fusão de opostos.”

Eis o pasmo! Com a leitura, deve-se entender e recolocar o que perfaz essa *união*.

A segunda tradução, esta empreendida por Paulo Gil Ferreira da palestra de Paolo D'Angelo, por sua vez, põe uma primorosa discussão que transita de Hobsbawm a Vargas Llosa, passando por nomes importantes da Escola de Frankfurt, em especial Adorno, para pontuar a respeito de algumas conclusões de Noël Carroll a respeito da cultura de massa e da tese do fim da arte.

A resenha escrita por Renan da Rocha Cortez a partir da obra de Marco Antônio Casanova intitulada *Eternidade Frágil – ensaio de temporalidade na arte* (Via Verita, 2013), procura expor como o autor joga luz sobre uma temática há muito aberta, mas, embora muito comentada, foi insuficientemente esclarecida. Cortez acena para o profundo diálogo que a obra se propõe com as filosofias de Dilthey, Nietzsche e Heidegger, em especial, não perdendo de vista a erudição da obra/autor bem como os desdobramentos decorrentes da tematização.

É com aquele mesmo *pasmo* esta edição da *Ekstasis* também busca auxiliar seu leitor a reposicionar suas questões; se travessas ou *herméticas*, que não esqueçamos que provém de uma mesma graça e mesmo dom, melhor, de uma mesma divindade: *Herme-nêutica*! E que com ela não percamos a criatividade da criança... aquela que tem um pasmo essencial, como diria Alberto Caeiro; o mesmo pasmo proporcionado pela hermenêutica-fenomenológica: sentir-se “*a cada momento nascido para a eterna novidade do mundo*”.